

Adolescência, Drogas e AIDS

Gey Espinheira*

Para Bruna, Mila e Carol: na flor da idade

A literatura especializada e o senso comum, através de diferentes argumentos e conhecimentos de causa, reconhecem a juventude como uma fase da vida altamente vulnerável, sobretudo ao uso de substâncias psicoativas, seja pela incorporação de uma identidade diferente da imagem construída pelos adultos referenciais, seja pela vontade de transgredir ou ainda de adaptar-se a grupos de jovens em que drogas são utilizadas.

A partir de pesquisas realizadas nos Estados Unidos entre estudantes de diversos níveis, o uso de drogas foi considerado, nos últimos vinte e cinco anos, como um "fenômeno da juventude".⁽¹⁾ Em outro estudo observa-se que o usuário de drogas é visto como uma personagem de uma época em que a cultura das drogas integra o modo de ser da juventude:

"O toxicômano atual é visto como uma caricatura de certa figura característica de uma época: o adolescente revoltado. A vida cotidiana, os filmes, a mídia, nos dão conta da idéia familiar de um conflito de gerações, que aparece como uma fatalidade inevitável; um número de jovens de 14 a 25 anos recusam os esquemas *convencionais* de vida e afirmam, às vezes com violência, a vontade de serem diferentes. Esta postura dos jovens frente aos pais e ao futuro não é sempre manifestada violentamente; a maioria dos adolescentes vive a "crise da adolescência" sem ruptura e sem conflito aparente com os que convive. Porém, quaisquer que sejam os números e proporções, a importância sociológica ou cultural do conflito de gerações é relevante". (Valleur, 1990:104)

Outros autores insistem na questão da peculiaridade da adolescência como uma fase da vida, a exemplo de Oliveira (1988: 25):

"A adolescência é um período da vida onde as contradições assumem um papel dinâmico essencial. Uma das contradições mais facilmente percebida é a que gira em torno da dependência versus independência. O adolescente vê-se, então, dividido entre o desejo de conservar o mundo confortável de sua infância e a necessidade de adquirir sua autonomia". (...) Entrar para o mundo dos adultos significa, para

o adolescente, a perda definitiva de sua condição de criança. Deixar de ser criança é mais que passar por mudanças corporais, pois o adolescente tem de, aos poucos, estabelecer uma nova relação com os pais e com o mundo". (Id.:26)

Parece ser do senso comum que a adolescência é um *tempo* de crise, sobretudo de crise de identidade. Mas a nosso ver essa *transição*, esta *fase* da vida, não é igual para todos os jovens, ou seja, a adolescência é sempre plural, relativa à diversidade das condições sociais, culturais e afetivas em que as pessoas estão envolvidas. Assim, a adolescência como uma variável independente passa a ser vista como uma relação social ampla que o mundo estruturado estabelece com seus novos membros (Espinheira, 1993).

Os ritos de passagem legitimam socialmente a transição para a condição de adulto, categoria que implica o reconhecimento e o cumprimento dos códigos, normas e leis que regulam a vida social em todas as suas dimensões. O engajamento no serviço militar, a passagem pelo vestibular, a vinculação ao trabalho, o casamento, são alguns desses ritos que definem rupturas de etapas da vida. Mas há outros ritos que pertencem aos pequenos grupos e que realizam também essas passagens: iniciação sexual clandestina (não-institucionalizada), uso de substâncias psicoativas ou pactos de variada ordem que constroem identidades de acordo com as exigências dos grupos de pertença. Há, portanto, uma estrutura social ampla e adulta, regulada pelo adultos, mas também há uma estrutura na infância e na adolescência governada pelos seus componentes: crianças e adolescentes, estruturada por e para eles à revelia dos adultos. É uma espécie de mundo secreto que não pode ser invadido pelos adultos sem a sua completa desestruturação.

Observamos, desse modo, que há certa fragmentação social nos grupos de idade, como a que se reconhece, por exemplo, com grande visibilidade, entre os velhos aposentados. Transitar na vida é pertencer a diferentes grupos com maiores ou menores níveis de resistência de outros. São essas relações que constroem o tipo adolescente e a adolescência como *crise*, que também poderia ser compreendida como incapacidade social de incorporar novos membros sem traumas de qualquer natureza. Ao se reconhecer as particularidades das situações sociais amplas da vida na sociedade, esse conceito *biológico* de adolescência mostra-se insatisfatório para dar conta dos modos de ser da juventude.

Padrões familiares, condicionados pela procedência, gênero, cor, religião, condição econômica, educacional, cultural etc. diferentes, afetam diversamente os indivíduos que transitam para a vida adulta. Talvez se possa compreender melhor o fenômeno dessa mudança através do encontro e do diálogo de *Alice com a Lagarta*:

"A Lagarta e Alice Olharam-se em silêncio, por fim a Lagarta tirou o cachimbo da boca e dirigiu-se a ela numa voz lânguida e sonolenta:

- Quem é você?

- Eu... Não sei bem, senhora... Até agora... eu sabia quem eu era, até o instante em que levantei esta manhã, mas acho que fui mudada várias vezes desde aí.

- Que é que você quer dizer com isso? Perguntou a Lagarta desabridamente: Explique-se!

- Não posso explicar-me minha senhora, sinto muito. Mas como a senhora vê, já não sou mais a mesma.

- Não estou vendo nada, replicou a Lagarta.

- Acho que não poderei explicar com mais clareza, tornou Alice muito delicadamente, pois eu mesma não compreendo bem. Mudar de estatura várias vezes por dia é uma coisa muito confusa.

- Não acho, retrucou a Lagarta.

- Bem, talvez a senhora não tenha pensado nisso ainda, mas quando tiver que virar crisálida, - e um dia terá de ser -, e depois disso virar borboleta, penso que vai achar esquisito, não?

- Absolutamente não, responde a Lagarta.

- Bom, talvez a senhora sinta de maneira diferente. O que sei é que foi muito esquisito para mim.

- Para você! Exclamou a Lagarta, asperamente - mas quem é você?" (Caroll, sd.)

A conclusão a que chegamos não pode ser muito diferente da que chegaram os autores de *La Drogue* (Valleur, 1990:105): "Jamais é fácil tornar-se grande, como não é fácil aceitar envelhecer e ver suas crianças tomarem-se adultas". A busca de identidade, não raro múltiplas e adaptadas à diversidade das circunstâncias da vida social, de grupos e subgrupos diferentes, exige do adolescente a compreensão de quem ele seja em cada momento e em cada situação. Se tais circunstâncias fragilizam (termo um tanto vago), também fortalecem o indivíduo na competição social que tem muito da necessária agressividade ecológica da luta pela sobrevivência.

Inserir-se socialmente ou subverter a sociedade são dois pólos da radicalização e entre eles há todo um gradiente de posições em que se situa a grande maioria dos adolescentes e essas posições variam de um período histórico para outro. As causas intrínse-

cas da adolescência são mediadas pelas sociais e a adolescência é mais um estado de espírito - conflitual, é verdade -, que um mal. Há na adolescência mais força para viver que para a autodestruição. A adolescência torna-se um problema social quando os valores da sociedade em que o jovem se insere como adulto já não são referências positivas; nestes casos a adolescência constrói, com os recursos disponíveis e seus referenciais, o mundo novo de que necessita diante de uma sociedade saturada - para usar a expressão de Maffesoli (1992) - que não pode, senão, tornar-se outra.

Drogas e pauta cultural

Mesmo considerando o consumo de drogas como um fenômeno da juventude, não se pode deixar de lado o fato de que as drogas hoje, mais que no passado, fazem parte de muitos estilos de vida, dos mais diversos estratos sociais. O consumo de drogas entre estudantes - predominantemente da maconha - tem uma forte relação com a pauta cultural do universo estudantil. Nos Estados Unidos pesquisas indicam que a proporção de usuários de maconha é superior a dois terços dessa população. Mas, insistimos, é dentro de um contexto muito próprio, que aqui denominamos de pauta cultural, ou seja, de um modo de ser, no tempo e no lugar.

O consumo externo, por outro lado, em contextos diversificados e com motivações que não sejam aquelas de pertença a esse universo social de passagem: a escola, a universidade, os usos não são mais regidos por pactos de solidariedade e de recíprocas identificações numa ecologia proporcionadora de níveis elevados de segurança e integração social.

No Brasil o consumo entre estudantes é também elevado. As pesquisas disponíveis estão, infelizmente, defasadas no tempo e foram principalmente produzidas pelo Escola Paulista de Medicina, equipe do Dr. Carlini. Outros estudos estão sendo realizados em diversas cidades do país e pode-se estimar uma proporção de usuários em torno de dez a quinze por cento. A maconha, mais frequente entre os jovens, é identificada à natureza e aos valores libertários da juventude, e hoje está incorporada ao *ethos* daqueles de meia idade que viveram a juventude nos dramáticos anos das décadas de 60 e 70, em que o mundo esteve aprisionado em guerras e em governos ditatoriais.⁽²⁾

Tomada mercadoria e descolada de pautas cultu-

rais específicas, as drogas são ofertadas por uma poderosa rede de traficantes com o propósito expresso de criar um mercado cativo. E aí não se trata, evidentemente, da maconha, mas da cocaína e de seus derivados. Os preços variam de acordo com a qualidade e procedência dos produtos; da cocaína pura à misturada e à pasta e ao crack. São drogas que "não denunciam", são bem adaptadas aos ambientes discretos e fazem parte do charme da "alta sociedade". Mas a cocaína de mais baixo teor, impura, é também acessível às camadas mais populares, assim como se pode comparar com a hierarquia dos uísques, dos envelhecidos e escoceses aos cortados e nacionais de baixo preço; o mesmo se dá com os vinhos e com tudo mais que o mercado oferece em toda a variedade de produtos disponíveis.

A sociedade atual é drogada por excelência. Não apenas o consumo, mas a produção e a comercialização mudaram o perfil das cidades brasileiras, construíram novos grupos sociais organizados em torno do tráfico; sobretudo permitiu que grupos populares manipulassem somas fabulosas e corrompessem pessoas e instituições, a exemplo do que acontece principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. No mundo atual a produção e comercialização de drogas constitui a terceira economia, abaixo apenas daquelas do petróleo e dos armamentos. O tráfico de drogas, por sua ilegalidade, opera clandestinamente e acrescenta à corrupção e criminalidade do *Jogo do Bicho* outras formas de violência e novos estilos de vida nas grandes cidades.

Mas se as drogas tornaram-se um mal em si mesmas,⁽³⁾ como "coisas demoníacas",⁽⁴⁾ elas também passaram a disseminar a AIDS e a mudar a direção do padrão de evolução da epidemia: dos grupos de risco ao risco total, atingindo precisamente o que há de mais forte nos seres vivos, principalmente na espécie humana: a sexualidade, que desprendida hoje de sua função reprodutora e de seus significados básicos na estruturação da sociedade, está simbolicamente em toda parte, em todas as coisas, numa época em que boa parte da humanidade pôde liberar-se do moralismo e da miséria sexual.

No passado, os antibióticos permitiram passar de uma sexualidade contaminadora para uma sexualidade sadia. As doenças sexualmente transmitidas ficaram sob controle: a sífilis, a gonorréia e tantas outras que pareciam fazer parte normal da vida de todo aquele que tinha uma vida sexual ativa, e que chegavam mesmo a ser motivo de orgulho. O advento da AIDS, entretanto, tornou-se um fator restritivo à libe-

ração sexual, pelo menos em termos, obrigando a sociedade a reeducar-se sexualmente. O ser humano tornou-se seu próprio inimigo na medida em que, com toda ironia, no amor provoca a morte. E são duas as vias mais significativas de contaminação - e fundamentalmente vitais - a relação sexual e a transfusão de sangue, esperma e sangue, as substâncias da vida.

O uso compartilhado de seringas contaminadas tornou-se outro fator de contágio e atinge expressivamente a população jovem. Novamente a busca do prazer se transforma em destruição. Herdeira da moral judaico-cristã, nossa sociedade se defronta com o discurso do pecado e da punição. É o próprio Papa, líder máximo da religião predominante no país, que se opõe ao uso de preservativo, a única forma de sexo seguro, e neste campo o único meio de deter o avanço da epidemia. O Estado, através de leis e normas especiais, assegurou a qualidade do sangue para as transfusões, mas ainda não tomou as medidas necessárias para conter o contágio pela via das drogas injetáveis através de seringas contaminadas compartilhadas. Alguns projetos experimentais, a exemplo do fornecimento de seringas para a troca com as usadas, com usuários de drogas,⁽⁵⁾ mostraram que é possível conter a disseminação neste vetor, mas as leis ainda respaldam moralistas que vêem nesta ação um incentivo ao consumo de drogas e que, por assim pensar, se contrapõem ao conhecimento da medicina moderna no campo da prevenção da AIDS.

A organização social - a civilização, como disse Freud, estabelece o "princípio de realidade" como controle do "princípio do prazer".⁽⁶⁾ Leis e normas, moral e ética, são fatores coercitivos, limitantes dos prazeres. Mas não se pode ignorar a força vital que se orienta para o prazer e ao mesmo tempo a relação com os fatores limitantes da conduta humana. Novamente destacam-se as condições sociais diferenciadas e o balanço que se faz, em cada circunstância,

No mundo atual a produção e comercialização de drogas constitui a terceira economia, abaixo apenas daquelas do petróleo e dos armamentos.

das vantagens e desvantagens em seguir os princípios normativos ou transgredi-los.

A AIDS é apresentada ao grande público como uma doença fatal, como uma probabilidade. É neste último aspecto que o problema da prevenção encontra seus maiores obstáculos, sobretudo porque as relações afetivas não são comumente racionalizadas e é ainda muito difícil para muita gente proteger-se ao tempo em que protege o parceiro, ou solicitar a proteção para realizar o *sexo seguro*. Este é um campo da cultura que só culturalmente pode ser modificado.

A probabilidade de contaminar-se com a AIDS é sempre maior em situações de risco. Mas quais são elas, se a epidemia já ultrapassou as barreiras dos "grupos de risco"? Concluir que toda relação amorosa é uma possibilidade de contaminação é chegar a uma conclusão dramática, mas estatisticamente correta: tudo depende da probabilidade e, certamente, da proximidade de condutas ostensivamente de risco.

Moralismo e prevenção

O comportamento de risco mais prejudicial à sociedade - na verdade à civilização em sua totalidade - é o moralismo. Tempos atrás atribuíam-se à prostituta e à prostituição a fonte de todas as contaminações de doenças sexualmente transmitidas. Em boa medida, o preconceito contra prostitutas vem dessa visão *medicalizadora*. Essa sexualidade, na sua forma de serviço especializado, já não é mais o principal foco de contaminação, em razão até de seu reduzido contingente em face do conjunto da sociedade sexualmente liberada. (Espinheira, 1984; Engel, 1988)

É diante da liberdade que o discurso moralista mais se radicaliza, mais solapa a comunicação social, a educação de massa, sobretudo pela via dos dogmas religiosos. O país tem visto pela grande imprensa denúncias várias sobre campanhas de religiosos contra o uso e mesmo contra a comercialização de anticoncepcionais, enquanto que é explícita a condenação do uso de preservativo. A igreja católica é a principal na corrente conservadora, mas há outras, fundamentalistas, que, inclusive, retomam radicalmente a abstinência sexual antes do casamento para mulheres e homens e que consideram a AIDS um flagelo de Deus. Assim a doença só atingiria os luxuriosos, e eles estariam, então, por merecer a censura divina.

Ao deixar de ser uma doença de "grupos de risco" e constituir uma ameaça concreta de larga contami-

nação social, a AIDS tornou-se um dos objetivos das políticas sociais, uma responsabilidade global da sociedade. Por essa razão não se pode mais tolerar que pequenos grupos, em nome de suas morais ou "éticas" particulares, venham a dificultar, sabotar, as campanhas de esclarecimento e as medidas preventivas diretas, a exemplo do atendimento ao usuário de drogas injetáveis. Vale registrar o fato de que, no dia mundial de combate à AIDS, no momento em que as equipes da Prefeitura da Cidade de Santos, SP, iniciavam a campanha de substituição de seringas, o poder judiciário foi acionado pela promotoria local e os especialistas presos e a campanha paralisada. Outro exemplo, e oposto, pode ser trazido como ilustração: quando pacientes que necessitam de transfusão de sangue, por pertencerem às Testemunhas de Jehová, são impedidas pelos seus familiares de receber o socorro necessário, a Justiça tem autorizado os médicos a proceder ao tratamento; e a questão aqui é a vida individual, enquanto que, no outro caso, trata-se de contaminação social em larga escala.

Conclusão

O brasileiro, em grande medida desassistido, acostumou-se, entretanto, com os recursos da medicina científica e tornou-a, praticamente, supra-religiosa. Os remédios tornaram-se confiáveis e as doenças sexualmente transmissíveis (gonorréia, principalmente) afirmavam orgulhosamente um padrão de sexualidade. Era o risco calculado. A AIDS muda este quadro referencial e em lugar do *risco calculado* (na medida em que os antibióticos resolviam tudo) traz um outro, sem a segurança do cálculo, em razão da desinformação, do constrangimento e, por fim, do jogo irracional das probabilidades, do medo e da paranóia.

A prevenção à AIDS deve ser também a prevenção ao moralismo; deve constituir-se numa pulsão pela vida e precisa, assim, encontrar a cumplicidade de toda a sociedade. Deixar, a própria prevenção, de ser uma ameaça para constituir-se num aliado do prazer, da retomada da liberdade sexual - essa conquista social que foi legada aos adolescentes do presente e que não pode ser suprimida - da construção de uma cultura capaz de superar a doença sem desistir do amor.

Vencer os efeitos paradoxais das informações sobre a doença. Apoiar aqueles que pelas mais diversas razões têm comportamentos de risco, pois eles são socialmente construídos e não podem ser reduzidos à individualidade.⁽⁷⁾ Ir, portanto, para além do moralismo e alcançar uma dimensão ética, a única que pode reintegrar os que já estão contaminados, a

Vencer os efeitos paradoxais das informações sobre a doença. Apoiar aqueles que pelas mais diversas razões têm comportamentos de risco, pois eles são socialmente construídos e não podem ser reduzidos à individualidade.

única que pode fazer de cada um protetor do outro. Abrir um grande campo afetual na sociedade para que o amor possa ser, novamente, livre.

A adolescência é um tempo vital vertiginoso. Há pressa em viver, e em viver intensamente. A Aids é uma doença sorrateira, uma probabilidade, que se comunica pelo sangue, pelo esperma. As substâncias da vida contaminando a Vida pelas vias da salvação, do prazer e do amor. E são os jovens que estão estatisticamente mais presentes na relação dos soropositivos, sobretudo aqueles que compartilham seringas contaminadas.

A AIDS força a um novo estilo de vida, mas um grande número de pessoas joga o perigoso jogo de se excluir da probabilidade estatística de contrair o vírus. Os adolescentes constituem um grande grupo de risco, pois a própria adolescência é um desafio à vida, e aí no sentido de vivê-la o mais intensamente possível. As campanhas oficiais contra a Aids falam pouco aos adolescentes. É preciso, pois, que se estabeleça uma comunicação - para além da informação - com a juventude. Não há poesia nesse "morrer de amor", nem nesse morrer no prazer da droga.

Notas:

1 JUHNSTON, L. D. - "Drug use among American high school students, college students and other young adults", National Trend Though 1985. Rockville, Maryland, USA-Nation Institute on drug abuse." Os jovens estão frequentemente nas lideranças das mudanças sociais, e isso tem sido particularmente verdadeiro no caso do uso de drogas ilícitas; os últimos vinte e cinco anos têm comprovado ser este um fenômeno basicamente da juventude." p. 3

2 Ver os trabalhos de Timothy Lary, sobretudo seus contatos com Aldous Huxley, autor de *As Portas da Percepção e Céu e Inferno*, principalmente. Ver também "On *veux voir Dieu en face*"...

* Gey Espinheira é Professor de Sociologia da UFBA, Doutorando em Sociologia da USP e Pesquisador associado do CRH/UFBA

3 "Frequentemente, a condenação às "drogas" insiste no caráter danoso e inaceitável das experiências de alteração de consciência por si mesmas. O argumento comum de que as "drogas" representam uma fuga à realidade supõe, genericamente, que a "realidade" é o que é apreendido por um certo padrão de "consciência ordinária de vigília", tida unilateralmente como "boa" e "desejável". (MacRae & Simões, 1988: 3)

4 Nos Estados Unidos, 60% dos processos criminais são ligados às drogas, evidenciando um elevado custo social e a perda de controle das políticas sociais nacionais. No Brasil, sem que se disponha de dados mais precisos, pode-se afirmar que o *estado de criminalidade* vigente nas grandes cidades, do qual o exemplo maior é o Rio de Janeiro, vincula-se às drogas: economia e cultura das drogas.

5 O Centro de Estudo e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD - da Universidade Federal da Bahia, desenvolve um programa deste tipo em convênio com o Ministério da Saúde, sob a coordenação do especialista em AIDS Dr. Tarcísio Andrade.

6 "Com o estabelecimento do princípio de realidade, o ser humano que, sob o princípio do prazer, dificilmente pouco mais seria do que um feixe de impulsos animais, converte-se num ego organizado. Esforça-se por obter "o que é útil" e o que pode ser obtido sem prejuízo para si próprio e para o seu meio vital. Sob o princípio de realidade, o ser humano desenvolve a função da razão: aprende a "examinar" a realidade, a distinguir entre o bom e o mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial" (Marcuse, 1963: 35).

7 "A toxicomania é o encontro de um produto, de uma personalidade e de um momento sócio-cultural" (Olivenstein, 1993).

Referências Bibliográficas:

- CARROLL, Lewis - *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Editora do Brasil, s.d.
- ENGEL, Magali - *Meretrizes e doutores - Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)* São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ESPINHEIRA, Gey - *Divergência e prostituição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural, 1984.
- "A casa e a rua". In *Cadernos do CEAS*, n. 145, maio/junho, 1993. Salvador: CEAS.
- MacRAE, Edward & SIMÕES, Júlio Assis - *Investigação sobre o uso habitual e autocontrolado da maconha entre camadas médias urbanas*. São Paulo: Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo - IMESC, 1988.
- MAFFESOLI, Michel - Maffesoli e Baudrillard: visões antagônicas da pós-modernidade in: *A Tarde*, caderno 2, 27 de maio de 1992.
- MARCUSE, Herbert - *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.
- OLIVEIRA, J. A. de - "A adolescência e o uso de drogas" in *As drogas e a vida*/Richard Bucher -org.- São Paulo: EPU, 1988
- OLIVENSTEIN, Claude - *Le destin du toxicomane*. Paris: Fayard, 1983.
- VALLEUR, Marc - *Vous, vos enfants et la drogue*. Paris: Calman-Lévy, 1990.